

Contos Assombrosos

© 2021 – Conhecimento Editorial Ltda

Contos Assombrosos

Nightmare Tales

H. P. BLAVATSKY

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13485-150 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Edilson Almeida Pedrosa
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-105-6
1ª Edição – 2021

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Blavatsky, Helena Petrovna, 1831-1891
Contos Assombrosos / Helena Petrovna Blavatsky
— tradução de Edilson Almeida Pedrosa – 1ª ed. –
Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2021.
154 p. (Teosofia: A força da Verdade)
ISBN 978-65-5727-105-6

Título original: *Nightmare Tales*

1. Contos russos 2. Teosofia I. Título II. Pedrosa, Edilson Almeida III. Série

21-3010

CDD – 891.73

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos russos

Helena Petrovna Blavatsky

Contos Assombrosos

1ª edição
2021



Sumário

Prefácio	7
Uma vida enfeitada	9
A caverna dos ecos	61
O escudo luminoso	72
Das terras polares	82
O violino dotado de alma	87
Os “espíritos” vampiros	117

Prefácio

O mundo conhece HPB principalmente por seu conhecimento enciclopédico, seus poderes ocultos e a sua coragem única. Este livrinho, composto de histórias produzidas por ela em seus momentos mais descontraídos, mostra-a como uma escritora espirituosa, dotada de imaginação brilhante. O estudante terá vislumbres da realidade sob o disfarce da fantasia e saberá que apenas a mão de um ocultista poderia ter dado certos toques às imagens retratadas.

The Nightmare Tales foram reescritos durante os últimos meses da dolorosa vida da autora: quando cansada com a labuta enfadonha do *Glossário Teosófico*, ela, que não podia ficar ociosa, voltou-se para este trabalho mais leve e encontrou nele diversão e relaxamento. Seus amigos de todas as partes do mundo darão as boas-vindas a este exemplo tão raro de utilização de dons em meio a tensão do trabalho mais duro.

Annie Besant

Uma vida enfeitada

(Conforme narrado por uma caneta de pena)

Introdução

Era uma noite escura e fria de setembro de 1884. Uma densa névoa havia tomado conta das ruas de A..., uma pequena cidade no Reno, e descia como um manto funerário preto sobre o opaco burgo operário. O maioria de seus habitantes, cansados pelo longo dia de trabalho, tinha se retirado horas antes para esticar os membros cansados e deitar as suas cabeças doloridas nos travesseiros. Tudo estava tranquilo na casa grande; tudo era quieto nas ruas desertas. Parte inferior do formulário

Eu também repousava na minha cama; infelizmente, não para descansar, mas em virtude de dor e doença que me retinha há vários dias. Tudo estava tão imóvel na casa que, como diz *Longfellow*, ouvia-se o próprio silêncio. Eu podia escutar claramente o murmúrio do sangue enquanto corria pelo meu corpo dolorido, produzindo aquele canto monótono tão familiar a quem presta atenção ao silêncio. Eu escutei-o até que, em minha nervosa imaginação, ele se transformou no som de uma catarata distante, a queda de imensas águas... quando, de repente, mudando seu caráter, o "canto" crescente se fundiu com outros sons muito mais bem-vindos. Era o sussurro de uma voz humana baixa, a princípio escassamente audível. Aproximou-se e fortalecendo-se gradualmente pareceu falar ao meu ouvido. Assim, soa uma voz falando através de um quiescente lago azul, em um daqueles desfiladeiros maravilhosamente acústicos das montanhas cobertas de neve, onde

o ar é tão puro que uma palavra pronunciada a meia milha parece sair por um tubo acústico. Sim; era a voz de alguém que eu conhecia e reverenciava; de alguém que, para mim, devido a muitas associações místicas, era muito querido e santo; uma voz familiar por longos anos e sempre bem-vinda, ainda mais em horas de sofrimento mental ou físico, pois sempre traz consigo um raio de esperança e consolo.

“Coragem”, sussurrou em tons suaves e gentis. “Pense nos dias passados por você em doces associações; nas grandes lições recebidas sobre as verdades da natureza; nos muitos erros humanos a respeito destas verdades; e tente adicionar-lhes a experiência de uma noite nesta cidade. Deixe a narrativa de uma vida estranha, que lhe interessará, ajudar a encurtar as horas de sofrimento... Dê sua atenção. Olhe para lá diante de você!

“Lá” significava janelas grandes e claras de uma casa vazia do outro lado da rua estreita da cidade alemã. Eles faceavam as minhas quase uma linha reta do outro lado da rua, e minha cama estava de frente das janelas do meu quarto de dormir. Obediente à sugestão, dirigi meu olhar para elas, e o que vi me fez esquecer, por algum tempo, a agonia da dor que atormentava meu braço inchado e o corpo reumático.

Sobre as janelas se arrastava uma névoa. Uma névoa densa, pesada, serpenteante e esbranquiçada que parecia a enorme sombra de uma jiboia gigantesca desenrolando lentamente o seu corpo. Aos poucos, ela desapareceu, deixando uma luz brilhante, suave e prateada, como se as vidraças da janela refletissem mil raios da Lua, um céu tropical estrelado — primeiro de fora, depois de dentro dos cômodos vazios. Em seguida, vi a névoa se alongando e lançando, por assim dizer, uma ponte de fadas do outro lado da rua, das janelas enfeitadas para minha própria varanda, ou melhor, para a minha própria cama. Enquanto eu continuava olhando, a parede, as janelas e a casa oposta desapareceram subitamente. O espaço ocupado pelos cômodos vazios havia se transformado no interior de outro cômodo menor no que eu sabia ser um chalé suíço — num escritório, cujas antigas paredes escuras estavam cobertas do chão ao teto com prateleiras de livros, manuscri-

tos e decorações arcaicos, bem como trabalhos de data mais recente. No centro, havia uma grande mesa antiquada, cheia de manuscritos e materiais de escrita. Diante dela, caneta de pena na mão, sentou-se um velho; uma personagem de aparência sombria, esquelética, com o rosto tão magro, tão pálido, amarelo e emaciado que a luz da pequena lâmpada solitária de estudo se refletia em duas manchas brilhantes nas maçãs salientes do rosto, como se fossem esculpidas no marfim.

Enquanto tentava obter uma visão melhor dele, levantando-me lentamente sobre os travesseiros, a cena inteira, moradia e escritório, escrivãzinha, livros e o escriba pareciam tremer e se mexer. Uma vez postos em movimento, eles se aproximaram mais e mais, até que, deslizando silenciosamente pela ponte de nuvens que atravessa a rua, flutuaram até o meu quarto atravessaram as janelas fechadas e acomodaram-se finalmente ao lado da minha cama.

“Ouça o que ele pensa e vai escrever” — disse em tom suave a mesma voz familiar, distante e ao mesmo tempo próxima. “Assim, você ouvirá uma narrativa, cujo conteúdo pode ajudar você a encurtar as longas horas sem dormir e, até mesmo, fazer você esquecer por um momento a sua dor... Experimente!” — acrescentou, usando a fórmula rosacruziana e cabalística bem conhecida.

Eu tentei, como se fosse uma aposta. Concentrei toda a minha atenção na solitária figura laboriosa que vi diante de mim, mas que não me via. A princípio, o barulho da pena com a qual o velho estava escrevendo sugeriu à minha mente nada mais do que um baixo murmúrio de natureza indefinida. Então, gradualmente, meu ouvido captou palavras indistintas de uma voz fraca e distante, e eu pensei que a figura diante de mim, curvada sobre o manuscrito, estivesse lendo a história em voz alta, em vez de escrevê-la. Mas logo descobri meu erro. Ao lançar meu olhar no rosto do velho escriba, vi de relance que seus lábios estavam comprimidos e imóveis, e a voz era muito fina e estridente para ser a sua. Ainda mais estranho, em cada palavra traçada pela mão fraca e envelhecida, notei uma luz piscando debaixo de sua caneta, uma faísca colorida brilhante que se tornou instantaneamente um som ou, o que

é a mesma coisa, pareceu fazê-lo para minhas percepções internas. Era de fato a pequena voz da pena que ouvi, embora o escriba e a caneta estivessem, na época, por acaso, a centenas de quilômetros de distância da Alemanha. Essas coisas acontecem ocasionalmente, especialmente à noite, sob cuja sombra estrelada, como nos diz Byron, “(...) nós aprendemos a língua de outro mundo...”

Seja como for, as palavras proferidas pela pena permaneceram em minha memória por muito tempo. Tampouco tive muita dificuldade em retê-las, pois quando me sentei para registrar a história, encontrei-a, como de costume, indelevelmente impressa nas tábuas astrais diante de meu olho interno.

Assim, eu tive apenas que a copiar e, então, repassá-la tal como recebi. Eu não consegui aprender o nome do desconhecido escritor noturno. No entanto, embora o leitor possa preferir considerar toda a história como uma solução para a ocasião, um sonho, talvez, ainda assim seus incidentes, espero, não sejam nada menos interessantes.

A história do estranho

Nasci numa pequena aldeia nas montanhas, um aglomerado de chalés suíços, escondido em um recanto ensolarado, entre dois imponentes glaciares e um pico coberto de neves eternas. Lá, trinta e sete anos atrás, voltei — aleijado mental e fisicamente — para morrer, o dia da minha libertação. O ar puro e revigorante do meu local de nascimento decidiu o contrário. Ainda estou vivo; talvez com o propósito de fornecer provas para fatos que eu mantive profundamente secreto — um conto de horror que prefiro esconder a ter que revelar. A razão para essa falta de vontade de minha parte se deve à minha educação precoce e aos eventos subsequentes que desmentiram meus preconceitos mais acalentados. Algumas pessoas podem estar inclinadas a considerar esses eventos como providenciais: eu, no entanto, não acredito em nenhuma Providência, e ainda assim sou incapaz de atribuí-los ao mero acaso. Eu os conecto como a evolução incessante de efeitos, engendrados por certas causas diretas com uma causa primária e fundamental, da qual surgiu tudo o que se se-

guiu. Um homem velho e frágil sou eu agora, mas a fraqueza física de modo algum prejudicou minhas faculdades mentais. Lembro-me dos menores detalhes daquela causa terrível que gerou os meus males posteriores. São eles que me dão mais uma prova da existência real de alguém que eu venero — oh, que eu pudesse fazê-lo! — como uma criatura nascida da minha fantasia, a produção evanescente de um sonho febril e horrível! Oh, que terrível, suave e indulgente esse ser santo e respeitado! Foi esse modelo de todas as virtudes que amargurou a minha existência. É ele que, empurrando-me violentamente para fora da monótona, mas segura, rotina da vida vulgar, foi o primeiro a me impor a certeza de uma vida futura, acrescentando assim um horror adicional a um já suficientemente grande.

Tendo em vista uma compreensão mais clara da situação, devo interromper essas lembranças com algumas palavras sobre mim mesmo. Ah, se eu pudesse, como eu destruiria aquele eu odiado!

Nascido na Suíça, de pais franceses, que centralizou toda a sabedoria do mundo na trindade literária de *Voltaire*, *J. J. Rousseau* e *D'Holbach* e estudou em uma universidade alemã, cresci como um completo materialista, um ateu convicto. Eu nunca poderia sequer ter imaginado por mim mesmo quaisquer seres, muito menos um ser acima ou mesmo fora da natureza visível e distinto dela. Porquanto eu considerava tudo o que não podia ser submetido à mais estrita análise dos sentidos físicos como uma mera quimera. Uma alma, argumentei, mesmo supondo que o homem tenha uma, deve ser material. Segundo a definição de *Orígenes*, o *incorporeus* — o epíteto que ele deu ao seu Deus — significa uma substância só que mais sutil que a dos corpos físicos, da qual, na melhor das hipóteses, não podemos formar uma ideia definida. Como se pode, então, obter qualquer conhecimento claro disso se os nossos sentidos não estão capacitados, como isso pode se tornar visível ou produzir quaisquer manifestações tangíveis?

Dessa forma, sempre encarei o espiritismo nascente com um sentimento de total desprezo, e considerei as insinuações religiosas de certos sacerdotes com escárnio, frequentemente

semelhante à raiva. E, de fato, o último sentimento nunca me abandonou completamente.

Pascal, no oitavo ato de seu *Pensamentos*, confessa a mais completa incerteza sobre a existência de Deus. Ao longo da minha vida, eu também professei uma certeza absoluta quanto à não existência de qualquer ser extracósmico, e repeti com aquele grande pensador as palavras memoráveis nas quais ele nos diz:

Eu tenho examinado se esse Deus de quem todo o mundo fala poderia não ter deixado alguns vestígios de si mesmo. Eu olho em todos os lugares, e em todo lugar não vejo nada além de obscuridade. A natureza não me oferece nada além de dúvida e inquietude.

Nem eu encontrei até hoje qualquer coisa que possa inquietar os meus sentimentos precisamente semelhantes e ainda mais fortes. Eu nunca acreditei, nem jamais creerei, em um Ser Supremo. Mas nas potencialidades do homem, proclamadas por toda parte no Oriente, poderes tanto mais desenvolvidos em algumas pessoas a ponto de torná-las virtualmente deuses, delas não me rio mais. A minha vida inteira despedaçada é um protesto contra essa negação. Eu acredito em tais fenômenos, e — eu os amaldiçoo, sempre que eles vêm, e por qualquer meio gerado.

Com a morte de meus pais, devido a demandas judiciais malsucedidas, perdi a maior parte de minha fortuna e resolvi enriquecer novamente, — antes para o bem daqueles a quem mais amava do que propriamente para mim. Minha irmã mais velha, a quem eu adorava, havia se casado com um homem pobre. Aceitei a oferta de uma próspera empresa de Hamburgo e parti para o Japão como sócio minoritário.

Vários anos se passaram, e durante todo esse período não me curei do ceticismo nem nunca pensei em alterar minhas opiniões sobre esse assunto. Eu ridicularizava as pretensões dos bonzos e ascetas japoneses, tal como fazia com a dos sacerdotes cristãos e dos espíritas europeus. Eu não podia acreditar na aquisição de poderes desconhecidos e nunca estudados por homens da ciência; daí porque eu zombava de

todas essas ideias. O budista supersticioso e mal-humorado, ensinando-nos a evitar os prazeres da vida, pôr de lado as paixões, tornar-nos insensíveis à felicidade e ao sofrimento, a fim de adquirir tais poderes quiméricos — parecia extremamente ridículo aos meus olhos.

Em um dia memorável para mim, — um dia fatal -, conheci um venerável e instruído bonzo, um sacerdote japonês chamado *Tamoora Hideyeri*. Eu o conheci ao pé do dourado Kwon-On e, a partir daquele momento, ele se tornou meu melhor e mais confiável amigo. Apesar de minha grande e genuína consideração por ele, eu nunca deixava, no entanto, de zombar de suas convicções religiosas sempre que uma boa oportunidade se oferecia, ferindo, assim, muitas vezes, os seus sentimentos.

Mas meu velho amigo era tão manso e misericordioso quanto poderia desejar qualquer coração verdadeiro de budista. Ele nunca se ressentiu de meus sarcasmos impacientes, mesmo quando eram, para dizer o mínimo, impróprios e, geralmente, limitava as suas respostas a frases do tipo “espere para ver”. Nem poderia ele ser levado a acreditar seriamente na sinceridade da minha negação da existência de qualquer Deus ou deuses. O pleno significado dos termos “ateísmo” e “ceticismo” estava além da compreensão de sua mente extremamente intelectual e aguda. Como certos cristãos reverentes, ele parecia incapaz de perceber que qualquer homem de bom senso deveria preferir as sábias conclusões da filosofia e da ciência moderna a uma crença ridícula num mundo invisível cheio de deuses e espíritos, *djins* e demônios. “O homem é um ser espiritual”, insistia ele, “que retorna à Terra mais de uma vez e é recompensado ou punido nos períodos intermediários”. A proposição de que o homem nada mais é do que uma pilha de poeira organizada estava fora de seu alcance. Como *Jeremy Collier*, ele se recusava a admitir que não era melhor do que “uma máquina ambulante, uma cabeça falante sem alma”, cujos “pensamentos” estão limitados pelas leis do movimento. “Pois”, argumentou ele, “se minhas ações fossem, como você diz, prescritas de antemão, e eu não tivesse mais liberdade ou livre arbítrio para mudar o curso da minha

ação do que as águas correntes do rio, então a gloriosa doutrina do carma, do mérito e do demérito, seria de fato uma tolice.”

Assim, toda a ontologia do meu amigo hipermetafísico repousava sobre a instável estrutura da metempsicose, de uma imaginada lei de retribuição “justa” e de outros sonhos igualmente absurdos.

“Nós não podemos”, disse ele paradoxalmente um dia, “esperar viver daqui em diante no pleno desfrute de nossa consciência, a menos que tenhamos construído para ela de antemão uma fundação firme e sólida de espiritualidade ... Não, não ria, amigo, de nenhuma fé, implorou humildemente, “mas pense e reflita sobre isso: alguém que nunca tenha aprendido a viver em espírito durante sua vida consciente e responsável na Terra poderá dificilmente esperar uma existência senciente após a morte, quando, privado de seu corpo, estará limitado somente àquele espírito.”

“O que você quer dizer com a vida no espírito?” — perguntei.

“Vida em um plano espiritual; aquilo que os budistas chamam de *tushita devaloka* (paraíso). O homem pode criar uma existência venturosa para si mesmo entre dois nascimentos, pela transferência gradual para aquele plano de todas as faculdades que durante sua jornada na Terra se manifestam através de seu corpo orgânico e, como você chama, cérebro animal.”

“Que absurdo! E como o homem pode fazer isso?”

“Contemplação e um forte desejo de assimilar, os deuses abençoados permitirão que ele faça isso.”

“E se o homem recusa essa ocupação intelectual, com a qual você quer dizer, suponho, a fixação dos olhos na ponta do nariz, o que acontecerá com ele depois da morte de seu corpo?” foi minha indagação zombeteira.

“Ele será tratado de acordo com o estado prevalecente de sua consciência, que existem em muitos graus. Na melhor das hipóteses — renascimento imediato; na pior — o estado de *avitchi*, um inferno mental. No entanto, não é necessário ser um asceta para assimilar a vida espiritual que se estenderá

ao futuro. Tudo o que é necessário é tentar se aproximar do espírito.”

“Como assim? Mesmo quando descrendo nele?” — Eu me repliquei.

“Mesmo assim! Pode-se descrever e ainda abrigar secretamente um espaço para a dúvida, por menor que seja o espaço, e assim tentar um dia, nem que seja por um momento, abrir a porta do templo interior; e isso se provará suficiente para o propósito.”

“Você é decididamente um poeta e paradoxal, para começar, reverendo senhor. Por favor, explique-me um pouco mais do mistério?”

“Não há nenhum. Ainda estou disposto. Suponha por um momento que algum templo desconhecido, ao qual você nunca tinha ido antes e cuja existência você acha que tem razões para negar, seja o ‘plano espiritual’ do qual estou falando. Alguém lhe pega pela mão e o leva até a sua entrada, a curiosidade faz com que você abra a porta e olhe para dentro. Por esse ato simples, ao entrar nele por um segundo, você estabeleceu uma conexão eterna entre a sua consciência e o templo. Você não pode mais negar a sua existência nem obliterar o fato de ter entrado nele e, de acordo com o caráter e a variedade de seu trabalho dentro de seus santos recintos, você também viverá nele depois que a sua consciência for separada de sua morada de carne.”

“O que você quer dizer? E o que minha consciência pós-morte — se é que existe tal coisa — faz com o templo?”

“Tem tudo a ver com isso”, solenemente se reconectou ao velho homem. “Não pode haver autoconsciência após a morte fora do templo do espírito. Aquilo que você tenha feito no seu plano sobreviverá sozinho. Todo o resto é falso e uma ilusão. Está condenado a perecer no oceano de *maya*.”

Divertido com a ideia de viver fora do corpo, pedi ao meu velho amigo que me contasse mais. Confundindo o que eu quis dizer, o venerável senhor aceitou de bom grado.

Tamoora Hideyeri pertencia ao grande templo de Tzionene, um mosteiro budista, famoso não só no Japão, mas também no Tibete e na China. Nenhum outro é tão venerado em

Kioto. Seus monges pertencem à seita de Dzeno-doo e são considerados os mais instruídos entre as muitas fraternidades eruditas. Eles são, além disso, intimamente relacionados aos *yamabooshi* (os ascetas, ou eremitas) e deles aliados, que seguem as doutrinas de Lao-tsé. Não é de admirar que, à menor provocação da minha parte, o sacerdote tenha voado para a mais alta metafísica, esperando com isso me curar da minha falta de fé.

Não adianta repetir aqui a longa ladainha da mais irremediavelmente envolvida e incompreensível de todas as doutrinas. De acordo com suas ideias, temos que nos treinar para a espiritualidade em outro mundo — como na ginástica. Continuando a analogia entre o templo e o “plano espiritual”, ele tentou ilustrar a sua ideia. Ele próprio trabalhara no templo do espírito dois terços de sua vida e dedicou várias horas diárias à “contemplação”. Assim ele sabia (!?) que depois de ter deixado de lado sua casca mortal, “uma mera ilusão”, ele explicou, — ele iria em sua consciência espiritual reviver todos os sentimentos de alegria enobrecedora e felicidade divina que já teve, ou deveria ter tido — apenas cem vezes mais intensificados. Seu trabalho no plano espiritual tinha sido considerável, ele disse, e esperava, portanto, que o salário do trabalhador se mostrasse proporcional.

“Mas suponha que o operário, como no exemplo que você acabou de apresentar do meu caso, não tenha mais do que ter aberto a porta do templo por mera curiosidade; só espiou no santuário para nunca mais colocar o pé nele. O que acontecerá então?”

“Então”, ele respondeu, “você teria apenas esse curto minuto para registrar em sua futura autoconsciência e nada mais. Nossa vida daqui por diante registra e repete apenas as impressões e os sentimentos que tivemos em nossas experiências espirituais e nada mais. Se, em vez de reverência, no momento de entrar na morada do espírito, você estivesse abrigoando em seu coração a raiva, o ciúme ou o pesar, então a sua futura vida espiritual seria triste na verdade. Não haveria nada para registrar, salvo a abertura de uma porta em um ataque de mau humor.”

“Como então poderia ser repetido?” — eu insisti, muito divertido. “O que você acha que eu estaria fazendo antes de encarnar novamente?”

“Nesse caso”, ele disse, falando devagar e pesando cada palavra — “nesse caso, você teria apenas que, eu receio, abrir e fechar a porta do templo repetidamente, durante um período que, embora curto, pareceria para você uma eternidade.”

Esse tipo de ocupação pós-morte me pareceu, naquela época, tão grotesco em seu sublime absurdo, que fui tomado de uma risada quase inextinguível.

Meu venerável amigo pareceu consideravelmente desanimado com o resultado de sua instrução metafísica. Ele evidentemente não esperava tal hilaridade. No entanto, ele não disse nada, mas apenas suspirou e olhou para mim com a maior benevolência e pena brilhando em seus pequenos olhos negros.

“Por favor, perdoe minha risada”, eu me desculpei. “Mas, realmente, agora, você não pode querer dizer seriamente que o ‘estado espiritual’ que você defende e acredita tão firmemente, consiste apenas em imitar certas coisas que fazemos na vida?”

“Não, não; não imitando, mas apenas intensificando a sua repetição; preenchendo as lacunas que foram injustamente deixadas vazias durante a vida na fruição de nossos atos e obras, e de tudo realizado no plano espiritual de um estado real. O que eu disse era uma ilustração e, sem dúvida, para você que parece ignorar inteiramente os mistérios da visão da alma não é muito inteligível. O culpado fui eu mesmo... O que eu tentei passar para você era que, como o estado espiritual de nossa consciência liberada do corpo é apenas o de fruição de todo ato espiritual realizado durante a vida, onde um ato que tenha sido estéril não produz resultados esperados — além da repetição daquele ato em si. Isso é tudo. Eu rezo para que você possa ser poupado de tais ações infrutíferas e que finalmente possa enxergar certas verdades.” E passando pelas costumeiras cortesias japonesas de se despedir, o excelente homem partiu.

Infelizmente, ai de mim! se eu soubesse na época o que

aprendi desde então, quão pouco teria rido e quanto mais eu teria aprendido!

Mas, a questão permaneceu. Quanto mais carinho pessoal e respeito eu sentia por ele, menos eu poderia me reconciliar com suas ideias malucas sobre uma vida após a morte e, especialmente, com a aquisição por alguns de poderes humanos sobrenaturais. Eu me senti particularmente aborrecido com sua reverência aos *yamabooshi*, os aliados de toda seita budista na Terra. Suas apelações ao “milagroso” eram simplesmente execráveis na minha concepção. Ouvir cada japonês que conheci em Kioto, até mesmo meu próprio parceiro, o mais astuto de todos os homens de negócios com quem eu havia encontrado no Oriente, mencionando esses seguidores de Lao-Tze com os olhos abaixados, mãos postas em reverência e afirmações de que são possuidores de “grandes” e “maravilhosos” dons, era mais do que eu estava disposto a tolerar pacientemente naqueles dias. E quem eram eles afinal de contas, esses grandes magos com suas ridículas pretensões ao conhecimento supermundano; esses “mendigos sagrados” que, como eu pensava, moravam intencionalmente nos recesos de montanhas não frequentadas e em escarpas íngremes inacessíveis, de modo a melhor não dar oportunidade a intrusos curiosos de encontrá-los e observá-los em seus próprios esconderijos? Simplesmente, adivinhos imprudentes, ciganos japoneses que vendem encantos e talismãs, e nada melhor. Em resposta àqueles que procuravam assegurar-me que embora os *yamabooshi* levem uma vida misteriosa, não admitindo acesso de nenhum profano aos seus segredos, eles ainda aceitam alunos, por mais difícil que seja um deles se tornar seu discípulo, e que assim têm que viver dando testemunho da grande pureza e santidade de suas vidas, em resposta a tais afirmações, opunha a negação mais forte e permanecia firme nela. Eu insultei tanto os mestres quanto os discípulos, classificando-os sob a mesma categoria de tolos, quando não de patifes, e fui tão longe a ponto de inclui-los entre o número de xintoístas. Agora, o xintoísmo, ou *sin-syu*, a “fé nos deuses e no caminho para os deuses”, isto é, a crença na comunicação entre essas criaturas e os homens, é uma espécie de adoração